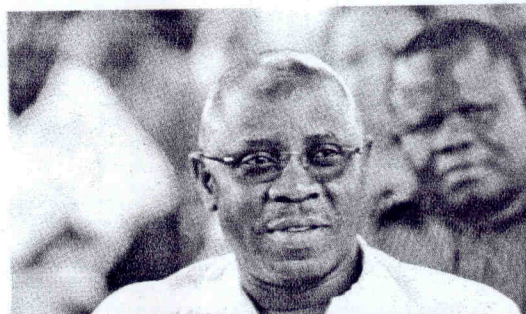


SOCIEDADE

Organizados para recepção do governador no distrito do Búzi

Carvalho Muária ordena regresso imediato de alunos e professores às aulas

A directora distrital de Educação, Leonor Langa, diz que quando foi tomada a decisão de interrupção das aulas para dar lugar à recepção do governador, ela não estava no distrito



Carvalho Muária indignado com a medida da direcção distrital de Educação

Francisco Raiva

O governador interino da província de Sofala, Carvalho Muária, insurgiu-se, semana passada, contra os dirigentes do sector de educação do distrito do Búzi, pelo facto de terem orientado os estudantes de diferentes níveis de ensino a deslocarem-se à praça dos heróis local, para a recepção do número um da província, o que implicou a paralisação das aulas.

Muária, que estava de visita à zona sul de Sofala, não gostou de ver os alunos na sua recep-

ção e ordenou o retorno imediato dos mesmos aos seus estabelecimentos de ensino, assim como os respectivos docentes para retomarem as aulas normalmente.

"Não faz sentido, num país pobre como o nosso, interromper as aulas só para vir receber o governador. Eu estou a trabalhar, assim como as pessoas que me acompanham. Estamos aqui para ver *in loco* as actividades levadas a cabo para combater à pobreza. É uma espécie de fiscalização. Então, se estou a trabalhar porquê os alunos vão interromper as suas aulas só para

me cumprimentar", questionou o governador.

Aquele dirigente disse não ter percebido por que as direcções distrital e das escolas da vila sede do Búzi optaram por interromper as aulas. "Quando iniciei a visita à região sul de Sofala, deixei claro que não queria ver actividades interrompidas por causa da minha visita. Um aluno não pode deixar de estudar por que eu estou no distrito.

Um enfermeiro não pode deixar de atender um doente porque o governador está a trabalhar no distrito. Queremos combater a pobreza e este combate não se faz com interrupções de actividades sem justa causa", esclareceu Muária.

Quanto aos alunos, Muária disse que se fosse um sábado, ou domingo ou ainda um feriado, seria absolutamente normal e até agradável conviver com os futuros di-

rigentes. "Agora, interromper aulas, isso não, não admito".

Questionados, os alunos disseram à nossa equipa de reportagem que receberam orientações das suas direcções escolares para se fazerem presente na praça dos heróis, no sentido de participar nas cerimónias de recepção do governador substituto de Sofala.

A directora distrital de Educação, Leonor Langa, disse que não estava em altura de explicar o que efectivamente teria acontecido para todos os alunos serem orientados a participar na recepção do governador. "Eu estava ausente da sede do distrito por razões de trabalho. Fiquei também surpreendida pelo facto de ver todos os alunos nesta cerimónia. Concordo com o posicionamento do senhor governador e vou inteirar-me das motivações que levaram as direcções das escolas a decidirem-se pela interrupção das aulas, porque as minhas orientações não indicaram para tal acto", defendeu-se Leonor Langa. ■

ANEMO distancia-se da greve dos enfermeiros

A Associação Nacional dos Enfermeiros de Moçambique (ANEMO) disse, sexta-feira passada, não ter nenhuma ligação com as informações que circulam via telemóvel, incitando a classe a paralisar as suas actividades de 25 a 28 de Setembro corrente, em protesto contra a contínua degradação da sua condição humana, reporta a agência de Informação de Moçambique, AIM.

Distanciando-se de tais manifestações, a ANEMO apela a todos os enfermeiros a primarem pela calma e serenidade, em cumprimento do juramento feito por estes no dia da sua graduação como profissionais da saúde.

A presidente da ANEMO, Hermínia Zacarias Cossa, defende que a associação privilegia o diálogo com os seus responsáveis, como forma harmoniosa de re-

solver quaisquer diferenças de ordem económica e social, entretanto, reconhece a existência de vários factores que desmotivam os enfermeiros.

Cossa explicou ainda que a manifestação é convocada por alguém de fora da saúde, em nome do "Sindicato dos Profissionais da Saúde" que, segundo ela, não existe, facto que tornaria a greve ilegal. Ainda na sua explanação, Cossa disse que a promoção de manifestações violentas não é a solução para os problemas. Pelo contrário, manifestações trarão impacto negativo na vida dos cidadãos, em geral, e dos profissionais da saúde, em particular, e que uma greve destes profissionais seria um verdadeiro caos para o país.

"Nós, como ANEMO, desencorajamos qualquer manifestação nesse sentido. Nós privilegia-

mos o diálogo. Até porque não faz parte dos princípios nem da conduta da associação recorrer a métodos violentos para resolver quaisquer diferenças resultantes do trabalho que realizamos", afirmou Cossa, acrescentando que o seu elenco está a trabalhar com todas as delegações provinciais para que a manifestação não ocorra.

Dentre vários problemas que apoquentam os enfermeiros, destaca-se o salário incompatível com o trabalho que realizam, o rácio enfermeiro/doente, ou seja, um enfermeiro está para 40/70 doentes, falta de progressão nas carreiras profissionais e a dificuldade destes se formarem em áreas específicas.

Refira-se que em Moçambique, existem 8 mil enfermeiros, dos quais 2 mil se encontram filiados à associação. ■

Sida afecta sistema de educação em Moçambique

O executivo moçambicano reconhece que a epidemia da Sida compromete mais avanços na área de educação no país. Um relatório apresentado pelo director nacional dos recursos humanos do Ministério da Educação, Ivaldo Quincardete, mostra que no primeiro semestre deste ano, 1652 professores foram registados como portadores do HIV. Deste total, 457 estão em tratamento anti-retroviral e 325 a beneficiar do programa governamental que ajuda funcionários públicos seropositivos com um aumento salarial de 30 por cento.

Hoje, os salários dos educadores podem variar de 7.000 a 14.000 meticals, ou seja, entre 220 a 440 dólares norte-americanos aproximadamente. O documento informa que a província de Gaza apresenta a maior proporção de professores infectados, totalizando, 847 do sexo masculino e 605 do feminino.

Só no primeiro trimestre do ano em curso, a província da Zambézia identificou 361 professores seropositivos e 206 no segundo trimestre. Quincardete disse à Agência de Notícias de Resposta ao SIDA que a situação é "preocupante", porque a Educação movimenta muitas pessoas e o país precisa dela e dos seus funcionários para alcançar níveis de desenvolvimento e reduzir os de analfabetismo. "Deve trabalhar-se muito mais, principalmente no nosso sector, porque somos o maior empregador a nível do Estado e do privado", recomendou.